



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

IMAGENS DE PERSONAGENS-LEITORES NA AMAZÔNIA DALCÍDIA

Regina Costa¹ (UFPA)
Marli Furtado² (UFPA)

RESUMO

Este texto visa a apresentar as leituras do escritor amazônida Dalcídio Jurandir (1909-1979), num circuito literário que abrange a leitura e a escrita. A ideia é demonstrar que o acervo de leituras do escritor proporciona recriações em seus textos, fato comprovado pela concepção de imagens de leitores, figurado pela presença de personagens-leitores presentes em sua obra desde *Chove nos campos de cachoeira*, seu primeiro romance, estendendo-se aos demais livros que compõem o ciclo do *Extremo-norte* (1941-1978). O escritor encontrou nas leituras o suporte para exteriorizar, em forma de arte, suas observações sobre a Amazônia paraense em consonância com o mundo, por sua atenta observação das leituras e do ambiente real. Neste sentido, criou nas narrativas os lugares ficcionais para discutir os problemas sociais da Amazônia e demonstrar que as ocorrências sociais não se limitavam a região Norte, mas eram comuns ao Brasil e ao resto do mundo. As principais fontes são: CHARTIER, 1999; FURTADO, 2010; JURANDIR, 1941; LAJOLO; ZILBERMAN, 1998; NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Leitores. Personagem. Amazônia.

Introdução

O escritor Dalcídio Jurandir³ (1909-1979) seguiu um percurso que iniciou com leituras, para depois materializá-las em textos, conforme constatamos nos livros do ciclo do *Extremo Norte: Chove nos campos de Cachoeira*, (1941), *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e

¹Doutoranda, área de Estudos Literários da Universidade Federal do Pará. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. É professora da Escola Superior Madre Celeste e Secretaria Executiva do Estado do Pará.

²Mestra em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Estágio pós-doutoral na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É professora Associado III da Universidade Federal do Pará.

³Dalcídio Jurandir nasceu na Ilha do Marajó (PA), no município de Ponta de Pedras em 1909 e morreu no Rio de Janeiro (RJ), 1979. Além de escritor, foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no Pará em: *O Imparcial*, *Crítica Estado do Pará*, *Revista Escola*, *Revista Guajarina*, revista *Novidade* e *Revista A Semana*; no Rio de Janeiro em: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, revista *Literatura*, revista *O Cruzeiro*, semanário *Classe Operária*, *Para Todos e Problemas*.

Ribanceira (1978). Na obra inaugural do escritor amazônida percebe-se que a leitura do escritor não é ingênua, mas alinha a vivência de leitor à situação enfrentada pelo homem da Amazônia.

No livro *Chove nos campos de Cachoeira*, as imagens de leitura surgem a partir de um número significativo de personagens que praticam a leitura e numerosos textos lidos, que juntos compõem um universo de leitores fictícios, marcado pela diversidade de maneiras de ler e de interpretar o texto lido.

Assim, este artigo abordará o escritor num atrelamento literário, no sentido de associar a leitura à escrita, para apontar que as leituras de Jurandir manifestaram-se nos textos engendrados por ele para a ficção. Desta forma, o estudo será elucidado em dois tópicos: o primeiro, intitulado “O leitor Amazônida” e o segundo, “O personagem-leitor em Dalcídio Jurandir”, para exemplificar a relação dialógica do produtor de texto com suas leituras e possíveis ressignificações.

O Leitor Amazônida⁴

As leituras de Dalcídio Jurandir podem ser observadas de três formas: a primeira, consultando seus acervos e documentos pessoais; a segunda, conhecendo sua participação social em jornais e revistas; e a terceira é observada por meio da leitura de seus textos ficcionais.

A primeira forma de observar as leituras do escritor é lendo as cartas enviadas por ele à esposa Guiomarina, em 1937, quando esteve preso pela segunda vez em decorrência de suas atividades na política. No excerto a seguir, retirado de cartas de Dalcídio Jurandir, é possível extrairmos alguns dados sobre o escritor marajoara.

[...] Manda-me o 2º *Fausto* de Goethe, em francês - capa verde. [...] Não se esqueça do 2º volume do *Fausto* - de Goethe. [...] Vai *Mundos mortos* - que consegui ler por alto e *Mixuângos* que não li (...). Vê se achas o *Comedor de ópio*, deve estar na estante velha. Manda dizer ao Flaviano procurar com Gentil Puget os livros *Negro brasileiro* e *Religiões negras* que preciso estudar aqui. Não sei onde está *Os Corumbas*. Parece que tenho aí. (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33).⁵

⁴ Referido em COSTA, Regina Barbosa da. Imagens de leituras em *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2014.

⁵ A carta transcrita apresenta o nome de alguns escritores Russos conforme grafia nas cartas de Dalcídio Jurandir, porém alguns críticos, como Carpeaux, fazem uso de outras grafias: *Corumbás* (*Corumbas*), Nicolau Gogol (Nikolai Gógol), Dostoiewsky (Dostoiévski), *Nietótchka* (Niétotchka Niezvãoava).

Este fragmento permite perceber que ele, apesar da condição de preso político, não deixou de alavancar sua produção intelectual, haja vista que se mostra ativo nas leituras e produção textual, assinalando, inicialmente, sua preferência pelas obras da literatura alemã. Além de demonstrar conhecimento do idioma francês, visto que solicitou à esposa um clássico da literatura alemã, *Fausto (Faust)*, de Johann Wolfgang Von Goethe (1806), em francês.

No excerto é possível observar que Jurandir faz referências à produção literária brasileira, especialmente as que abordavam temática social, dentre as quais evidencia o livro *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, que tem como assunto o deslocamento da família dos Corumbas da zona rural de Sergipe para a capital Aracaju. Vale ressaltar que Fontes não era seguidor de ideologias políticas⁶, seu romance expressa uma crítica aos diversos grupos da sociedade brasileira, sem que ele, enquanto escritor, estivesse defendendo segmentos ou partidos políticos.

Outro livro referenciado por Dalcídio Jurandir foi *Mixuangos* (1937), de Valdomiro Silveira, porém o escritor deixa claro que ainda não leu este texto, fato que nos permite inferir que ele reunia livros sobre temáticas do contexto brasileiro para, numa oportunidade, poder conhecê-los e assim escrever com mais propriedade sobre o assunto. *Mixuangos* é um livro que aborda os costumes e a linguagem do caboclo brasileiro. Nele, Silveira indicia que quer preservar a cultura caipira tradicional, para não fragmentá-la e perder as raízes desta ante a presença de imigrantes europeus vindos para trabalhar nas lavouras brasileiras.

Jurandir cita nas cartas, ainda, o livro *Mundos mortos* (1937)⁷, de Otávio de Faria, o primeiro romance do ciclo *Tragédia Burguesa*, romances que comportariam vinte volumes, dos quais foram publicados, apenas, treze livros. Faria traça na obra um cenário da vida fluminense e os problemas sociais decorrentes da classe burguesa, que atingem não só o indivíduo carioca, mas alcança pessoas de outras partes do mundo.

O escritor Dalcídio Jurandir finaliza sua listagem de leituras nas cartas de 1937, citando os livros *Religiões Negras* (1936), de Edison Carneiro e *Negro Brasileiro*

⁶ FARIA, Otávio de “Dois Romancistas: Jorge Amado e Amando Fontes”. In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, (I, 18) 1933. p. 7- 8.

⁷ *Mundos mortos* (1937), de Otávio de Faria é o primeiro romance do ciclo *Tragédia Burguesa*, que publicou treze livros: I *Mundos mortos* (1937); II *Os caminhos da vida* (1939); III *O lodo das ruas* (1942); IV *O anjo de pedra* (1944); V *Os renegados* (1947); VI *Os loucos* (1952); VII *O senhor do mundo* (1957); VIII *O retrato da morte* (1961); IX *Ângela ou Areias do mundo* (1964); X *A sombra de Deus* (1966); XI *O cavaleiro da Virgem* (1972); XII *O indigno* (1976); XIII *O pássaro oculto* (1979).

(1934)⁸, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Com essas indicações de leitura ele demonstra, mais uma vez, que sua preocupação com os problemas sociais não era superficial, já que procurava pesquisar para então explorar tais assuntos nos seus artigos e romances.

Nas cartas, Jurandir demonstra também estar informado sobre a produção literária de escritores pertencentes à Literatura Russa do Século XIX, especialmente Nikolai Gógol, autor de *Almas Mortas* (1842) e um dos precursores da moderna Literatura Russa. Ele cita, ainda, os escritores do século de ouro na Rússia⁹, especialmente Leon Tolstói, autor de *Guerra e Paz* (1869), *A morte de Ivan Ilitch* (1886) e *Ana Karenina* (1877), seguido de Fiódor Dostoiévski, criador de *Niétotchka Niezvânova* (1849), *Crime e Castigo* (1866), *O idiota* (1869) e *Os Irmãos Karamazov* (1880).

Dalcídio Jurandir explica em uma das cartas que recebe os livros soviéticos apenas para simples leitura, mas observa-se que esta leitura não é unicamente de deleite; ela é seletiva e crítica. Um exemplo é o comentário que ele realiza sobre a ascendência desses escritores russos que demonstra um interesse especial pelas ideias propostas no livro, a ponto de alinhar Nikolai Gógol, Tolstói, Dostoiévski e Gorki¹⁰ em uma classe específica na sua prioridade de leitura.

Em outro fragmento das cartas de 1937, Jurandir explica essa necessidade de estudar os livros que abordassem assuntos de sua época, especialmente os que se referiam às questões sociais, deixando claro que ele procurou fazer da cadeia um gabinete de estudo para ler os seus textos, uma vez que as obras desses escritores contemporâneos a ele de certa forma fomentaram ideias sobre a sociedade brasileira e contribuíram, decisivamente, para a produção literária do escritor.

Dalcídio Jurandir reafirma em um de seus manuscritos, observações sobre as questões sociais e a exploração do tema nacional no romance brasileiro: “experimentemos todas as técnicas ou concepções de romance, mas, sobretudo, experimentemos em nossos romances este tema virgem, vasto e múltiplo que é o

⁸ Nas correspondências de Dalcídio Jurandir observamos que ele cita o livro *Negro Brasileiro*, no entanto, o título original da obra é *Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Além disso, Arthur Ramos trocava cartas com Edison Carneiro, com Sigmund Freud e com escritores brasileiros, compondo um acervo em que predominava a temática do negro da Amazônia.

⁹ Período de intensa produção literária na Rússia, ocorrido no século XIX, em que o romance, o conto e o teatro foram as formas preferidas. Além disso, temáticas que envolvem o homem confuso do período da modernização foram apresentadas nos romances dessa época.

¹⁰ Máximo Gorki foi o criador da literatura proletária e autor de *A confissão* (1908), porém Jurandir não menciona livros deste autor.

Brasil”. (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 182)¹¹. Neste excerto, ele ressalta que o escritor brasileiro deve deixar a marca de seu tempo e para isso é fundamental conhecer a realidade brasileira e explorá-la nos romances por ele produzido, pois considera que no Brasil há uma vastidão de assuntos que estão disponíveis para serem estudados, mas que ainda não foram pesquisados pelos escritores brasileiros.

A segunda maneira de conhecer as leituras de Dalcídio Jurandir é sabendo de sua participação social em jornais e revistas, pois de acordo com dados biográficos¹², ele recebeu alguns livros emprestados pelo Doutor Raynero Maroja, em 1928, quando o escritor regressava do Rio de Janeiro para Belém. Dos livros referidos no empréstimo incluem-se os seguintes autores: Fialho, Castilho, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Cruz e Souza, Balzac. Consta, também, nesta mesma edição do livro de Jurandir, que ele conseguiu levar consigo o livro *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes para a cadeia, quando esteve preso pela primeira vez em 1935, e o leu durante os dois meses em que ele esteve preso em razão dos seus ideais políticos. No artigo “Nota sobre o centenário de Cervantes”¹³, Jurandir fala sobre Quixote, herói de um de seus livros preferidos, e também critica o franquismo, regime político aplicado pelo ditador Francisco Franco na Espanha, no período de 1939 a 1975.

2 O personagem-leitor em Dalcídio Jurandir

É Aristóteles quem propõe uma primeira discussão sobre o personagem quando adverte a respeito da identidade entre pessoa e personagem, segundo ele “na tragédia os poetas recorrem a nomes de personagens que existiram, pela razão de que o possível inspira confiança” (ARISTÓTELES, [19--], p. 252). Portanto, destaca a relação entre personagem e seres reais, que era indispensável para o pensador, pois focalizava a confiança dos leitores. Os estudos sobre o personagem caminharam sob o comando de Aristóteles, seguido depois por Horácio, até que essa ideia começa a entrar em declínio a partir do século XIX, quando o estudo dos personagens começou a ter graus de complexidade.

¹¹Texto manuscrito encontrado no acervo de Dalcídio Jurandir, que constitui um ensaio sobre o papel do escritor.

¹²Os dados biográficos constam na quarta edição de *Chove nos campos de Cachoeira* (1995).

¹³Artigo produzido para revista *Literatura* por ocasião do quarto centenário de Cervantes. Nota sobre o centenário de Cervantes. *Literatura*, ano 2, n. 5, jul/set. 1947, apud NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia: literatura & memória*. Belém: SECULT, [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006, p. 80.

O estudo da leitura como processo complexo e dinâmico é analisado por pesquisadores pertencentes à História Cultural vinculada à História da Leitura. Os pesquisadores Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Robert Darnton e Roger Chartier elaboraram estudos que contribuem para compreender a prática de leitura no contexto social. Destes pesquisadores daremos destaque a Roger Chartier, que considera a comunicação do escrito de especial importância, pois guarda inúmeras significações. Considera a leitura como propiciadora de uma verdadeira revolução e ocasiona “apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77). Desta forma, lança a defesa da liberdade do leitor, mesmo que esta liberdade seja relativa, visto que o pesquisador propõe também a análise dos modos de ler.

É possível estabelecer um elo entre a leitura abordada por Chartier e a pesquisa sobre as imagens de leituras encontradas no livro *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, especialmente quando o pesquisador categoriza as leituras em intensivas e extensivas. Desta forma, a primeira ocorre quando o leitor se confronta com um número limitado de textos, que são lidos, relidos e memorizados e a segunda o leitor lê variados impressos.

No Brasil, um importante estudo foi feito por Antonio Candido, em colaboração com outros estudiosos, como Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para conhecer o personagem. Desse estudo, nasceu o livro *A personagem de ficção* e dele destacam-se as considerações feitas por Antonio Candido quando observa que é na ficção “o único lugar [...] em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referências a seres autônomos” (CANDIDO, 2000, p. 35), diferentes das pessoas reais que não se pode observar como elas realmente se apresentam, por não serem transparentes.

O personagem é também um elemento da narrativa que pode provocar no leitor sentimentos contraditórios, como a empatia ou a aversão, conforme sua representação. Este duplo sentimento, provocado pelo personagem, é possível ser fruído pela leitura de um texto literário, como, por exemplo, quando nos deparamos com a aversão pela leitora Emma Bovary e/ou com os risos com o leitor Brás Cubas, personagens resultantes de um processo artístico, frutos de uma representação da leitura que promove o entendimento da necessidade de conhecer este tipo de mecanismo para, então, redimensionar determinados aspectos que ocorrem na vida real, mas que às vezes não julgamos importantes.

Esta modalidade de personagem, que lê na ficção, pode motivar críticas à sociedade, sem receber sanções, que geralmente sofre quem critica determinados segmentos da sociedade. Exemplos de personagens-leitores são comuns, tanto na literatura nacional como na estrangeira. Assim, o livro que marca este tipo de leitura fictícia é *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616).

O leitor D. Quixote perdeu a razão pela leitura constante de romances de cavalaria e pretendia imitar seus heróis dos livros, mas acaba envolvendo-se em aventuras com seu fiel escudeiro Sancho Pança, que tinha melhor consciência da realidade, visto que “este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio [...] se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, [...] que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalaria” (CERVANTE Y SAAVEDRA, 2002, p. 12). Conforme se percebe, há uma crítica na representação do personagem-leitor D. Quixote. No entanto, esta representação de leitor ocorrerá em outros livros da literatura em que exija este tipo de representação.

Os estudos sobre o complexo literário que envolve a leitura e o leitor estão avançando. No Brasil, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman se dedicam a este tipo de investigação, atrelando-o ao trabalho das representações na literatura, elas justificam a presença das mesmas, no texto literário, afirmando que “[é no texto literário] o lugar privilegiado para o início do desenho de uma história social da leitura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 17). As autoras enfatizam, sobretudo, que o assunto pode ser tematizado na literatura, por ser o espaço privilegiado para discuti-lo.

Seguindo este percurso de leituras, leitores e personagens, é que na análise do livro *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir encontrou-se um universo de leituras feitas por personagens-leitores, que salta aos olhos. Essas imagens de leituras e de leitores serão efetivadas no primeiro livro de Jurandir, por cinco leitores, que são: Major Alberto, Eutanázio, Alfredo, Dr. Campos e Salu.

A seleção destes personagens se deu por conta do volume de leituras que eles praticam no romance, porém é relevante informar que estes cinco personagens-leitores não são os únicos, existem outros distribuídos ao longo dos romances do Extremo-norte e que não foram tratados nesta pesquisa. Deste modo, listamos aqui apenas os mais expressivos do primeiro romance, ressaltando que não únicos, há outros de menor expressão na narrativa que não foram listados por estarem agregados a outros personagens-leitores mais expressivos.

Para examinar as preferências de leituras dos personagens, optou-se em demonstrá-las em tabelas: que permite mostrar as imagens de leituras literárias. Essa opção, em apresentar os dados em tabela foi para melhor visualizar as informações encontradas e proporcionar a observação de certos detalhes que, às vezes, podem escapar numa leitura despreocupada, já que somente a leitura do texto não oportuniza a visualização de dados quantitativos e cruzamento de informações.

A seguir, apresentaremos as tabelas, com apontamentos sobre a atividade dos personagens-leitores, seguida de comentário sobre a leitura dos mesmos.

Tabela 1 - Preferência de leitura - Textos Literários: Poética

TEXTOS LITERÁRIOS	PERSONAGENS-LEITORES			
	MAJOR ALBERTO	EUTANÁZIO	ALFREDO	DR. CAMPOS
POEMAS				
<i>Se se morre de amor</i> , de Gonçalves Dias		X		
<i>I-Juca Pirama</i> , de Gonçalves Dias	X			
<i>Amor e medo</i> , de Casimiro de Abreu		X		
<i>Ouvir Estrelas</i> , de Olavo Bilac		X		
<i>Via Láctea</i> , de Olavo Bilac	X			
O pássaro Cativo, de Olavo Bilac			X	
<i>As pombas</i> , de Raimundo Correa		X		
<i>O Caçador de Esmeraldas</i> , de Olavo Bilac	X			
<i>Jesuítas</i> , de Castro Alves	X			
(?), de Castro Alves ¹⁴				X
O Estudante Alsaciano, de Acácio Antunes			X	
(?), de Tobias Barreto ¹⁵				X
LIVRO SOBRE VERSIFICAÇÃO				
(?)		X		

Fonte: Organizado por COSTA, R. B. em outubro/2016

A Tabela 1- Preferência de leitura - Textos Literários: Poética, apresenta a preferência de quatro personagens-leitores, que são: Major Alberto, Eutanázio, Alfredo e Dr. Campos. Nela é possível perceber a ocorrência de leitura por personagem, gênero e título lido. Também é possível compreender, nesta tabela, que os títulos de leituras não coincidem entre personagens, uma vez que cada personagem lê um título diferente do outro; no entanto, há coincidência na preferência entre poetas. Desta forma, o poeta Gonçalves Dias era preferência de Major Alberto e Eutanázio; Olavo Bilac, preferência de Major Alberto, Eutanázio e Alfredo; Castro Alves, preferência de Major Alberto; e Dr. Campos e Tobias Barreto, preferência de Dr. Campos.

Os poetas mais lidos foram os do Romantismo Brasileiro: Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu e Tobias Barreto, seguidos dos poetas do

¹⁴ Dr. Campos cita Castro Alves, porém não indica o título lido.

¹⁵ Tobias Barreto também é citado por Dr. Campos, sem a indicação do título.

Parnasianismo: Olavo Bilac e Raimundo Correa. Quanto ao poeta português Acácio Antunes¹⁶, dados indicam que ele provavelmente pertencia ao Realismo/Naturalismo Português, que iniciou em Portugal em 1865, visto que o poeta nasceu em 1853 e morreu em 1927.

As preferências de poemas em *Chove nos campos de Cachoeira*, escritas em Língua Portuguesa, totalizaram doze, sendo que onze são de poetas brasileiros e uma de poeta português. Há ainda um livro sobre versificação, que é citado entre as preferências do personagem Eutanázio o que demonstra a vontade do personagem em aprender mais sobre a arte poética. Os poemas brasileiros citados foram os seguintes: “Se se morre de amor” e “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias; “Amor e medo”, de Casimiro de Abreu; “Ouvir Estrelas”, “Via Láctea”, “O pássaro Cativo”, “O Caçador de Esmeraldas”, de Olavo Bilac; “As pombas”, de Raimundo Correa; “Jesuítas” e uma poesia não denominada, de Castro Alves; e outra não denominada, de Tobias Barreto. A única poesia de poeta português referenciada neste recorte de *Chove nos campos de Cachoeira*, foi “O Estudante Alsaciano”, de Acácio Antunes.

Tabela 2 - Preferência de leitura - Textos Literários: Prosa e teatro

TEXTOS LITERÁRIOS	PERSONAGENS-LEITORES		
	EUTANÁZIO	DR. CAMPOS	SALU
ROMANCES			
<i>Paulo e Virginia</i> , de B. Saint-Pierre	X		
<i>O Conde de Monte Cristo</i> , de A. Dumas	X		
<i>Inocência</i> , de Visconde de Taunay		X	
<i>Amor de Perdição</i> , de Camilo Castelo Branco		X	
(?), de Wolfgang von Goethe		X	
<i>A vingança do Judeu</i> , de J. W. Rochester ¹⁷	X		
<i>A mulher adúltera</i> , de H. Escrich (I, II, III e IV)			X
<i>O manuscrito materno</i> , de H. Escrich (I, II e III)			X
<i>Rainha e Mendiga</i> , de Antonio Contreras (I, II e III)			X
<i>A dor de Amar</i> , de Henri Ardel			X
TEATRO			
Eleonora Duse		X	
Le Tartuffe (comédia Francesa)		X	

Fonte: Organizado por COSTA, R. B. em outubro/2016

Na Tabela 2 - Preferência de leitura - Textos Literários: Prosa e teatro, os romances lidos são de seis nacionalidades e totalizam dez títulos: um brasileiro, *Inocência*, de Visconde, de Taunay; um português, *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco; três franceses: *Paulo e Virginia*, de Bernadim de Saint-Pierre, *O Conde*

¹⁶Sobre o poeta Acácio Antunes os dados são raros, desta forma não foi possível dar mais informações precisas sobre sua poética.

¹⁷É um livro espírita psicografado por Wera Krijanowski/Médium: Wera Krijanowski Espírito: Conde J. W. Rochester.

de Monte Cristo, de Alexandre Dumas; *A dor de amar*, Henri Ardel; três espanhóis: *Rainha e Mendiga*, de António Contreras, *O manuscrito materno e A mulher adúltera*, de Henrique Escrich; um alemão, cujo título não é citado, de Wolfgang von Goethe e *A vingança do Judeu*, de J. W. Rochester.

Da amostragem de textos literários obtidos nas tabelas 1 e 2, lidos por personagens, segue o seguinte resultado: Major Alberto não lia romance, apenas lia poesias. Eutanázio lia poesias e romances; Alfredo lia apenas poesias; Dr. Campos lia poesias, romances e teatro; e Salu lia somente romances do tipo folhetim.

Dr. Campos configura-se como personagem erudito, seu gosto é bem diversificado e apresenta algumas particularidades na demonstração de sua preferência de leituras, haja vista que ele aprecia também a arte teatral, informando que assistiu a comédia francesa *Le Tartuffe* e as apresentações da atriz Eleonora Duse.

As imagens e referências que se têm de Salu, no primeiro romance de Dalcídio Jurandir, são que, na maioria das vezes, ele figura como leitor d'*O manuscrito materno*, de Henrique Perez Escrich. Essa preferência de Salu pelo romance folhetim é atestada pela leitura de outros títulos além d'*O manuscrito materno*, que estão sob essa mesma classificação, como *A mulher adúltera*, de Escrich, *A Rainha e Mendiga*, de António Contreras, *A dor de amar*¹⁸ de Henri Ardel.

Assim, as imagens de leituras dos personagens fornecidas em *Chove nos campos de Cachoeira* foram demonstradas para que se pudesse conhecer a quantidade, qualidade, tipologias textuais de leituras que foram destinadas pelo escritor aos personagens e, assim, poder fazer cruzamentos entre elas, e observar as especificidades de cada personagem, já que pela leitura do personagem é possível conhecer o grau de maturidade, conhecimento e experiência de leitura e ao mesmo tempo analisar o grau de conhecimento do escritor amazônida sobre as leituras, embora algumas leituras possam ter sido citadas apenas de forma fictícia sem que o escritor tenha realmente lido. No entanto, cabe ressaltar o conhecimento sobre a existência das mesmas numa Amazônia “derruída”, no olhar de Furtado (2010) no pós-ciclo da borracha.

Considerações Finais

A pesquisa demonstrou que as observações de Dalcídio Jurandir, leitor, propiciaram recriações em sua escrita, que foi comprovado pela ostensiva presença de

¹⁸ A obra foi traduzida para o português, no original francês o título é *Le mal d'aimer*.

personagens-leitores, especialmente as pesquisadas no livro *Chove nos campos de cachoeira*, que confirmam um vasto conhecimento literário, social e político do escritor.

O escritor recompõe em suas obras as estruturas sociais em que vivem as pessoas da Amazônia Paraense, para apontar a carência social, dos itens que seriam indispensáveis para uma vida digna, como saúde, educação, habitação e alimentação. No entanto, o analfabetismo é um dos itens que mais incomodam o escritor, haja vista a motivação com trata do assunto por meio dos personagens-leitores.

É esta figuração de leitor, proposta pelo escritor Dalcídio Jurandir, o suporte que o impulsiona a exteriorizar artisticamente suas observações sobre a região amazônica em consonância com o mundo, já que o excelente leitor de textos também mostrou excelência na leitura do espaço social.

Assim, Dalcídio Jurandir, representa o leitor que conseguiu obter uma visão holística sobre a Amazônia paraense, para criar nas narrativas, lugares ficcionais para debater com quem, leitor como ele, pudesse ser solidário com a sua angústia de ver que os problemas sociais da Amazônia também eram comuns no Brasil e no resto do mundo.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]

CANDIDO, Antonio. Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CERVANTE Y SAAVEDRA, Miguel de. *D. Quixote de La Mancha*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COSTA, Regina Barbosa da. *Imagens de leituras em Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras: Belém, 2014.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vecchi: 1941.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia: literatura & memória*. Belém: SECULT, [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.